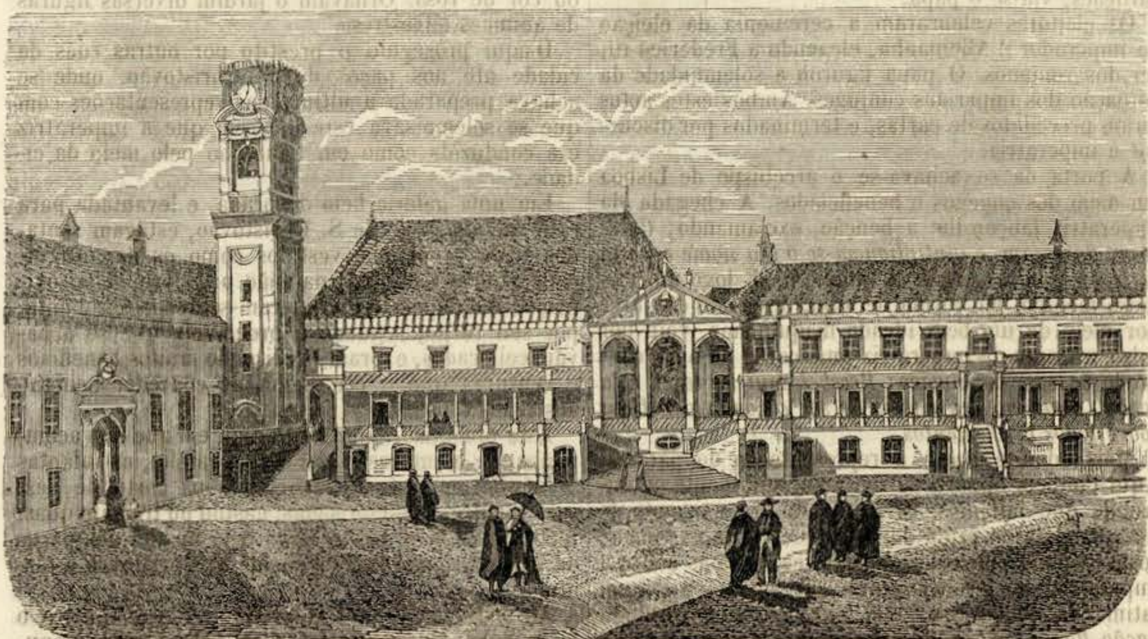


Paços da Universidade de Coimbra

I

Da antiga corte dos nossos reis, a famosa e poetica cidade de Coimbra, temos fallado por vezes, mórmente quando démos em gravura a vista geral da sua perspectiva, a fonte dos Amores, e uma paizagem do Mondego [1]. Pelo que limitar-nos-hemos hoje a uma breve noticia da universidade alli estabelecida, definitivamente, desde o reinado de D. João III, em 1537, que lhe deu os paços em que ella reside e a nossa estampa desenha.

É sabido que a creação da universidade se deve ao sabio rei D. Diniz, que a instituiu em Lisboa, com a modesta denominação de *estudo geral*, em 1288, contribuindo voluntariamente para o salario dos mestres das differentes faculdades os abbades de Cister, os priores de Santo Agostinho e de S. Bento, além dos reitores de algumas egrejas seculares dos reinos de Portugal e Algarve. Isto se declara na supplica feita ao papa Nicolau IV, impetrando-se-lhe a bulla de confirmação que foi expedida a 13 de agosto de 1290.

Para o estabelecimento d'esta universidade deu el-rei D. Diniz as casas da moeda velha, no sitio onde depois se fizeram as portas da Cruz, chamando para lentes os mais abalisados das universidades estrangeiras.

Posto que se designasse a freguezia de Alfama, desde a porta do Sol, até á de Santo André em diante, taxando-se o aluguer das casas para os estudantes, por dois clerigos e dois leigos ajuramentados para essa louvação, parece que entre os moradores de Lisboa e os escholares havia repetidas contestações, que obrigaram o rei fundador a transferir a universidade para Coimbra em 1308. Tambem se dá por motivo evitar-se a distracção do estudo, que o bulicio e passatempos da capital causava aos estudantes, e aos lentes tambem...

As escholas ou classes estabeleceram-se primitivamente em Coimbra na rua de Santa Sophia, onde depois se fundaram os collegios de S. Miguel e de Todos os Santos, substituidos pelo collegio das Artes, junto ao mosteiro de Santa Cruz, onde se ensinava theologia, estando as aulas das outras sciencias e artes (humanidades) em casas de aluguer.

Todas estas aulas se juntaram n'uns aposentos que estavam perto do paço da Alcaçova, onde depois se edificou o collegio de S. Paulo.

No anno seguinte a esta mudança para Coimbra deu el-rei D. Diniz os primeiros estatutos á universidade, datados de 15 de fevereiro de 1309.

Trinta annos depois, em 1338, indo el-rei D. Affonso IV estabelecer a sua residencia em Coimbra, para melhor accommodar a corte, e não distrahir os estudantes com o trato e concurso de tanta gente, determinou que voltassem para Lisboa as *escholas geraes* de Coimbra, que effectivamente vieram para as mesmas casas da moeda velha, onde tinham nascido. Aqui permaneceram dezeseis annos, sómente, porque o mesmo rei, por provisão de 6 de dezembro de 1354, as transferiu de novo para Coimbra, sem que se saibam os motivos d'esta reconsideração.

Passados vinte e tres annos, no de 1377, voltou a universidade para Lisboa, em virtude de uma provisão del-rei D. Fernando, que lhe foi sollicitada, diz-se, pelos lentes estrangeiros, que não podiam supportar a monotonia e insipidez de Coimbra.

Foram ainda d'esta vez para as mesmas casas da moeda, que por estarem já mui velhas e serem acanhadas, o sabio infante D. Henrique fez doação á universidade de umas que comprára na freguezia de S. Thomé, dizendo-se na escriptura de doação *que as escholas não tinham casas proprias em que se lesse nem se fizessem os actos, antes andavam sempre por casas alheias e de aluguer, como coisa desabrigada*.

Era isto no anno de 1431, e reinado de D. João I, que deu á universidade novos estatutos. N'estas casas do infante se accommodaram as aulas das sete

[1] Vid. pag. 385 do II vol., 289 do III, e 223 do IV.

artes liberaes que eram: grammatica, logica, rhetorica, arithmetica, musica, geometria e astrologia. As sciencias maiores ficaram-se lendo nos antigos paços, que tão arruinados estavam no tempo del-rei D. Manuel, que este soberano os fez de novo e acrescentou [1]. D'elles ha hoje apenas uns restos no sitio denominado Escholas Geraes, na freguezia de S. Vicente [2]. Aqui esteve d'esta vez a universidade cento e sessenta annos, até que el-rei D. João III a transferiu novamente para Coimbra, onde desde então tem permanecido, apesar do projecto que houve em 1835 de a remover por terceira vez para Lisboa.

D. João III quiz que a universidade de Coimbra hombreasse com as mais celebres que então havia na Europa, para o que empregou todos os meios, dotando-a munificamente, multiplicando as cadeiras das faculdades, e augmentando estas, para o que convidou com bons salarios e mercês honorificas os mais acreditados lentes das universidades de França, Hespanha e Italia, cujos nomes andam ainda na memoria de todos os lidos na historia litteraria de Portugal. Cedeu os seus paços de Coimbra, chamados da Alcaçova, para n'elles se installar a universidade, e deu-lhe novos estatutos.

Não sendo os paços sufficientes para accommodação de todas as aulas, e residencia dos professores estrangeiros, mandou o mesmo soberano edificar dois collegios que annexou á universidade; um denominado de S. Pedro que fórma o lado direito do pateo, e o outro defronte d'este, mas fóra do terreiro, com a invocação de S. Paulo:

Quando Filippe II de Castella usurpou o reino de Portugal, nomeou um dos seus parciaes para reformador da universidade de Coimbra. Tentou-se então fazer um edificio para as escholas de longo tempo projectado; procedeu-se á medição da área necessaria; orçaram-se as expropriações, sommaram-se os foros que havia a pagar, por onde se conheceu que só isto custava muitos mil cruzados. A grande falta de dinheiro que havia no reino, e o desgosto geral, mallograram o intento da nova edificação, pelo que a universidade se viu forçada a pedir ao rei intruso que lhe largasse os paços, para n'elles se estabelecerem definitivamente as escholas, onde existiam havia já quarenta annos.

Indeferiu o usurpador o pedido, declarando de mais a mais que desejava vel-os desoccupados para os mandar concertar, e ir alli habitar quando viesse a Portugal.

Alguns annos depois tornou a universidade a repetir a supplica, e Filippe II foi tão vil que declarou, não dava os paços gratuitamente, mas que os venderia á universidade por trinta mil cruzados. Presentia que a presa se lhe havia de soltar das garras, mais tarde ou mais cedo; e com este presentimento ia desbaratando o patrimonio da coroa de Portugal.

A universidade teve de annuir á proposta de venda, que se effectuou por carta de 16 de setembro de 1597.

A VIRGEM DO LEREZ [3]

LENDA GALLEGA

I

Como luzeiro immenso, que a invisivel mão de um ser encantado suspende no horisonte, brilha o sol meio velado por uma facha de nuvens que rodeiam magestosas o cume das montanhas, em quanto o cantabrico oceano, alterado pela brisa da tarde, enche o espaço com o rumoroso concerto das vagas, que se levantam, avançam e se desfazem contra os rochedos, immoveis ao seu violento embate.

Vê-se ao longe, como exercito de cisnes, mil veleiros barquinhos cruzando em varias direcções a superficie do mar, que um homem, moço e guerreiro, sentado em um penhasco, apoiando a fronte nas mãos e os cotovelos nos joelhos, contempla em profundo extase.

Quem será esse mancebo, silencioso e triste, cujo sombrio olhar está revelando os tormentos da interior lucta que o consome?

Por que, em todas as feições, longe de apparecer a alegria da juventude, só se lhe descobre o orgulho do homem que enche o vacuo do coração com o desprezo que lhe inspira o mundo, e, sem lastimar a sua sorte, vive solitario como a palmeira no deserto, sem outros amigos além dos proprios pensamentos?

Por que, de sua fronte, sulcada de profundas linhas, indicio de prematura ancianidade, se não apaga o sêllo de eterno enfado, que desperta o receio no coração de quem o observa?

Só e grave, sempre, se alguma vez o sorriso lhe entreabriu os labios, foi no campo de batalha, quando a espada inimiga brilhou um instante sobre a sua cabeça, e o grito dilacerante do moribundo lhe chegou aos ouvidos confundido com terrivel maldição. Nunca em frente do perigo levantou os olhos ao ceo; nunca dos labios se lhe desprendeu uma oração, nem descobriu a cabeça perante a cruz, symbolo de amor perfeito, porque aquelle homem, anjo e demonio ao mesmo tempo, tinha em si as illusões do ceo luctando sem tregoas com as realidades do inferno: o orgulho e a impiedade, n'elle, só reconheciam o coração por juiz.

Em fim, levantando-se, o mancebo embuçou-se na larga capa que o cobria até aos pés, e dispoz-se a saltar para um barco que, amarrado a um dos penhascos, se balanceava açoitado pelas vagas.

Novo personagem, armado de ponto em branco, appareceu subitamente na margem, e, aproximando-se do mancebo, exclamou com solemne accentuação:

— Todas as noites desappareces da tua tenda. Ninguem sabe para onde te encaminhas. Receia-se uma traição...

— Henrique! — gritou o moço guerreiro, despedindo-lhe ferino olhar.

— Onde passas as noites?... Não respondes?

O interrogado fez com a cabeça um signal negativo; nem uma só palavra articulou.

— És soberbo!...

— Sou como sou. Ao entrar nas hostes do conde de Caminha, prometti bater-me como o primeiro. Viste-me, por ventura, recuar ante o perigo?

— Nunca! Sempre admirei a tua intrepidez; não basta, porém, ser valoroso; é necessario ser fiel e não nos vender.

— Insultas-me?... perguntou o mancebo cerrando os punhos.

— Dizem que vaes a Pontevedra.

— E depois?...

— Que procuras alli?

— Que te importa? É segredo.

— Ricardo, Ricardo!... não sei o que me adivinha o coração!

— Não sabes que entre esses nobres e um neto de... que entre esses nobres e eu ha um abysmo profundo, incommensuravel; uma eterna maldição, um odio de raça?

— Bem sei, bem sei, e nunca duvidei de tua leal-

[1] Vide a pag. 319 do numero antecedente.
[2] Vid. Panorama de 1856.
[3] Lerez é um rio que corre junto de Pontevedra, cidade da Gallisa que fica a 354 kil. N. O. de Madrid. — A provincia de Pontevedra confina ao S. com o reino de Portugal.

dade; porém, receio que n'alguma das nocturnas digressões, o punhal de um assassino...

— Sempre medo!...

— De mais, Ricardo, não confies tua vida a esse fragil barco, que ao menor sopro de vento póde despedaçar-se contra os escólhos. Não vês? A tempestade aproxima-se.

O taciturno mancebo erguêra os olhos ao ceo, e, com effeito, as nuvens cerradas como o seu porvir, amontoavam-se-lhe por sobre a cabeça; o mar rugia-lhe aos pés, e...

— Sempre o mesmo! — murmurou apertando os copos da espada.

— Não duvides, meu amigo; o ceo ameaça-te.

— De que devo temer?... Persegue-me maldição do ceo; luctarei contra o ceo!... Morrer é descançar.

— Não te vás, insensato, não te vás...

— Silencio, e boas noites.

E sem vacillar um instante sequer, precipita-se no barco, que parte ligeiro como frecha despedida por mão de habil caçador, e voga, afasta-se...

Leva-o a tempestade; as ondas irritadas ora o erguem ás nuvens, ora o sepultam no mar; o relampago brilha, retumba o trovão, estremece a terra, e Henrique perdeu-o de vista. Moço guerreiro, que levas no coração odio immenso á injustiça, e amor profundo ao povo — quem sabe para onde o destino te impellirá? Fitos os olhos no futuro, tendo por lei unica a propria liberdade, assimilhas-te ao Hercules da fabula provocando as iras dos deuses.

II

Cerrou-se a noite.

Uma figura branca, uma fada, o genio das aguas, talvez, escapado de seu argenteo berço, divaga silencioso no bosque pertencente ao castello dos senhores de Aldara; agora arranca uma flor que desfolha entre os dedos, logo sólta prolongado suspiro que a brisa leva á margem opposta; dirige ao ceo olhares onde se concertam a perplexa melancolia de alma innocente com as violentas commoções do primeiro amor. Observae aquella figura: aproxima-se machinalmente da beira de um arroio; n'elle deposita uma folha que se vae arrebatada pela corrente, e... ainda a vêdes? Sorriso angelical se lhe desprende das extremidades dos labios de carmim; o seio palpita-lhe como o da avesinha presa entre as mãos do menino... é uma recordação, recordação de amor que se viu obrigada a rememorar.

— Quão formosa está a noite! — exclamou. Virá? Dois dias ha que o espero, e o ingrato não apparece... Esqueceu-me.

De seus olhos caiu uma lagrima. Silenciosa e immovel, sob os frondosos ramos das arvores que vergam por cima de sua cabeça, com o vestido alvo, mais alvo que a neve das montanhas, parece a vestal namorada e pensativa debaixo das sombrias abobadas de um templo da antiga Roma; ou o anjo da poesia que desceu, radiante de formosura, dos nevados cumes do Himalaya.

Branca suspira e estremece. Assustada com os proprios pensamentos, ora corre, ora se detem e medita; põe a mão cerrada sobre os labios, imprime n'ella um beijo, abre-a murmurando: *adeus*, e, rapida como temerosa gazella perseguida pelos gritos do caçador, corre, corre, corre, e quando as forças a abandonam, prorompe em alegre gargalhada que se redobra como os suaves gorgeios do rouxinol.

Infeliz Branca! No seu coração adormecido, Ricardo derramára as primeiras palavras de um amor puro como o orvalho da manhã, e ao despertar d'aquelle lethargo de dezeseis abris, pueril phantasia lhe representára um mundo de esperanças e illusões; porém, a final, como baixel abandonado em mar sem praias, naufragou, deixando-nos intima recordação de misera existencia; triste espolio de uma paixão que o ceo não abençoou, e que as ondas do tempo arremeçaram aos abysmos.

A lua, pallido clarão dos bosques, assomava pelo oriente inundando as torres do castello com seu tenue esplendor; a innocente menina saudou-a, perguntando-lhe com triste sorriso:

— Tu que és a mensageira da sua chegada, dize-me; por que não vem elle se sabe que o espero?... Não me respondes?...

A rainha da noite seguia indifferente seu caminho, e Branca soluçava.

O aspero som de uma sineta veiu annunciar-lhe que era a hora de retirar-se, e então chorou... chorou porque n'aquelle instante o terno rouxinol, o amante misanthropo, enchia o espaço com brandissimas notas, e invejando-lhe a alegria:

— És mais feliz que eu — disse ella, abandonando o solitario bosque, testimunha silenciosa de sua perturbação.

III

Reina profundo silencio.

A lua, melancolica virgem da noite, seguida do cortejo de estrellas, sóbe magestosamente ao ponto mais alto da abobada celeste.

Nem uma voz se ouve nos campos; nem uma nuvem offusca o firmamento.

O castello dos senhores de Aldara, ergue-se, cercado da temerosa atmosphera do feudalismo, como alteroso sepulchro de familia.

Eterno vigiador do manso Lerez que, como serpente de prata, se enrosca a seus pés, vê-se retratado nas tranquillas aguas que seguem placidamente o seu curso, e, mais que um monte de pedra, parece um Titão, que presentindo a morte proxima, inclina a cabeça no peito, e aguarda resignado o o raio que ha de convertel-o em pó.

Já o anjo dos tumulos agita suas palmas sobre aquelles negros torreões, e, comtudo, um resto de vida e de esperança parece animar-lhe o coração.

Em uma de suas habitações, mais de cem homens, que tem as espadas ao serviço do cavalleiro Hugo, sentados em volta de mesa coberta de pratos, copos e garrafas, esgotam-nas, como elles dizem, *á saude de seu senhor*.

— Bebei, bebei até vos cançardes — disse o orgulhoso irmão de Branca, sorrindo. — Amanhã luctareis até morrer.

— Seja embora; — responderam todos unisonos.

— As hostes do conde de Caminha — continuou o cavalleiro — estão perto d'aqui. Se chegarem a surprehender-nos, será preciso vender caras as nossas vidas.

— Homem por homem, ao menos! — gritou um com toda a força dos pulmões.

— Optimamente! E ao que me apresentar a cabeça d'esse famoso Ricardo, offerecer-lhe-hei cem escudos.

— Se tiver a felicidade de encontral-o no caminho, contae com ella — replicou um fidalgo despejando o seu copo de um trago.

— Não esqueçaes, porém — continuou o cavalleiro — que essa gente, mais que soldados, é uma horda de assassinos que nem ao ancião respeitam. Necessario é, portanto, que batalheis até morrer. Uma hora de exterminio, e o inferno depois. Temos muitas affrontas que vingar!...

— Vingar-se-hão! — murmuraram os soldados erguendo os copos á altura das cabeças.

— Sim, sim — proseguiu lançando olhares para o

horisonte. O ceo banhado em sangue annuncia-nos proxima destruição. Vêem-no.

Tomados de subito assombro, todos se agruparam nas janellas que olhavam para o Lerez, e, com effeito, a aurora boreal cobria com seu manto purpurino metade do firmamento, que ameaçava incendiar-se, em quanto o mar, em cujas aguas se espelhava, parecia um immenso pelago de sangue.

— Cada qual a seu posto — gritou o senhor de Aldara, que sentiu correr-lhe nas veias glacial frio. Querem guerra? Haverá guerra sem tregoa e sem misericordia. Desgraçado do que apresente o peito ao gume da minha espada!...

Voz melancolica e suave... tão suave que poderia confundir-se com um cantico phantasioso, soou distante; mas repetida pelo echo das montanhas, que a prolongava na tranquillidade da noite, chegou clara aos ouvidos dos guereirros uma trova, que elles escutaram em profundo silencio.

— Essa voz!... — murmuraram todos, olhando-se com espanto.

— É de algum nocturno amante! — interrompeu o cavalleiro fazendo um esforço para encobrir a perturbação d'alma.

— Ouvide, ouvide!

Echoou segunda trova; depois, reinou silencio. O cavalleiro lançou em torno de si um olhar terrivel; as feições contrahiram-se-lhe.

— Retirae-vos, — disse elle voltando-se para os guerreiros que, sem responderem, foram a pouco e pouco desapparecendo por entre as escuras galerias do castello.

Momentos depois, tudo jazia em mudez sepulchral, que só era interrompida, de vez em quando, pela sonora voz da sentinella que gritava «álerta», e pelo monotono canto das aves maritimas que adejavam preguiçosamente sobre as ondas do mar.

(Continúa)

O ORANGOTANGO

Chamam os naturalistas ao macaco grande, sem cauda, *orangotango*, que na linguagem dos indios quer dizer *homem selvagem*, e os pretos chamam-lhe *pongo*.

Tambem se lhe dá o nome de *mono grande*, para o distinguir de outras tres variedades, que são o *mono sylvano*, o *mono troglodita*, e o *mono longimano*, que nenhum tem cauda, andam em pé, e tem muitas parecenças externas e anatomicas com a raça humana, principalmente com os hottentotes.

É vulgarissimo chamar-se mono a um homem feio, e ao que é inerte e preguiçoso, porque o orangotango é hediondo, ocioso, e não tem prestimo senão para roubar os fructos de que se alimenta.

Na escala zoologica, o orangotango segue-se logo ao homem pela sua conformidade com a nossa organisação physica, a tal ponto que pondo-se a par o esqueleto de um hottentote e o de um orangotango, quem não for anatomista julgará que são esqueletos de dois individuos da mesma especie.

É por isto que alguns naturalistas, e entre elles o celebre Lamarck, na sua *Philosophia Zoologica*, ousaram dizer que o genero bimano (o homem e suas variedades de raça) se podia considerar como o apuramento da especie *quadrumana* (os macacos).

Taes supposições, porém, cáem redondamente perante o testimunho da historia sagrada, que no cap. I do Genesis, nos refere que Deus creára o homem á sua imagem e similhança.

O orangotango, embora tenha alguma parecença com o homem, differe muito d'elle pelo nariz, que não é proeminente, pela testa, que é muito curta, pelo queixo, que não é relevado, pelas orelhas, que são proporcionalmente grandes, pelos olhos, muito proximos um do outro, e pelo intervallo que separa a bocca do nariz, que é muito prolongado.

O corpo e as extremidades tambem differem, em serem as côxas muito curtas, os braços desmedidamente compridos, os pollegares pequenos, a palma da mão muito comprida e estreita, e os pés quasi do feitio das mãos do homem, por isso se lhe chama *quadrumano*.

As nadegas são volumosas e carnudas; tem uma especie de jumella ou barriga de perna, pelo que é o animal mais bem conformado para andar em pé; mas como tem os dedos muito compridos, o calcanhar assenta no chão com mais difficuldade que o do homem, pelo que com mais facilidade corre do que anda.

A face é chata, nua de pello, e amulatada; são egualmente nuas as orelhas, mãos, pés, peito e ventre. Tem cabello na cabeça, que lhe desce pelos lados das fontes em ar de suissa; nas costas e nas pernas tem algum pello; todos os dentes são similhantes aos nossos.

Buffon faz a seguinte descripção de um orangotango que examinou:

«Andava sempre em pé, sobre as extremidades posteriores, mesmo quando carregava com grandes pesos.

Tinha o ar triste, passo grave, movimentos compassados; era naturalmente manso, e muito differente dos outros monos da sua especie. Não o dominava a impaciencia do cynocephalo, nem a maldade do papião, nem a extravagancia do pataz. Um aceno ou uma palavra bastava para que elle obedecesse; quando para os papiões é preciso um pau, e para os outros monos um açoite, porque nenhum d'estes váe senão á pancada.

Eu vi este animal offerecer a mão para conduzir as pessoas que o vinham visitar, passear gravemente com ellas; vi-o sentar-se á mesa, desdobrar o guardanapo, limpar os beiços, servir-se de garfo e colhér para levar o comer á bocca, deitar elle mesmo o vinho no copo, e tocar com elle nos dos commensaes quando lhe faziam saudes. Vi-o ir buscar uma chicara com o seu pires, pôl-a em cima da mesa, deitar-lhe assucar, enchêl-a de chá, e sopral-o para o poder beber; e tudo isto sem nenhuma instigação ou impulso mais que um signal ou palavra do seu dono, e algumas vezes de moto proprio.

Não fazia mal a ninguem, antes se chegava com muita affabilidade, e se apresentava como quem pede festas e meiguices. Gostava excessivamente de golodices de confeitaria que todos lhe traziam; mas como padecia do peito, e tinha uma tosse frequente, esta grande quantidade de coisas doces contribuiu para lhe abbreviar a vida. Só durou um verão em Paris, indo morrer a Londres no inverno seguinte.

Comia de tudo; sómente preferia as frutas maduras e sêccas a qualquer outro alimento; bebia vinho, mas pouco, e de boa vontade o deixava por chá, leite e outras bebidas doces.»

Muitas outras habilidades provenientes do talento de imitação tem o mono grande, chamado orangotango, educado pelo homem.

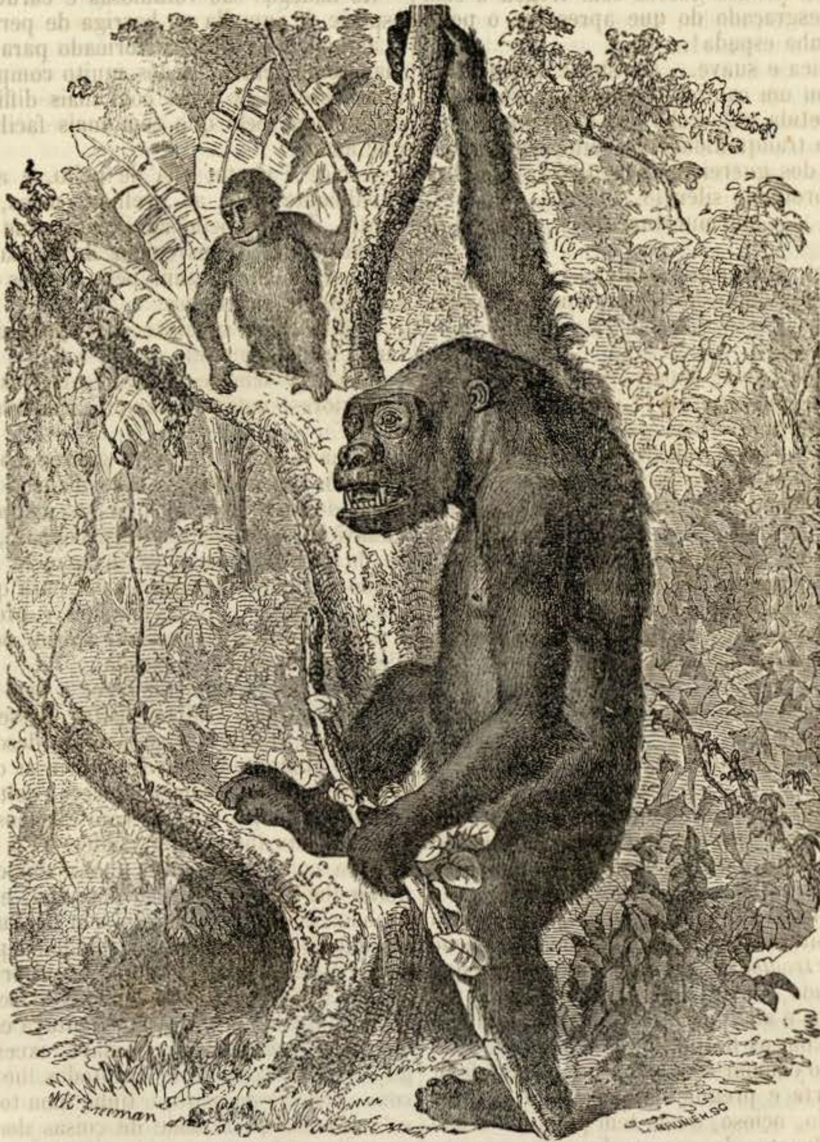
Vejamol-o agora no seu estado natural.

O orangotango anda ordinariamente em pé sobre as extremidades posteriores. Nas visinhanças do Gambia, diz Froger, os monos são mais corpulentos e maliciosos que em nenhuma outra parte da Africa; os pretos temem-se muito d'elles, e não podem ir sós ao matto sem risco de serem assaltados por estes animaes, que trazem uns grandes varapaus, e os desafiam e obrigam a combater com elles. Muitas vezes tem arrebatado pretinhos de seis e oito annos,

fugindo com elles para cima das arvores, custando muito a tirar-lh'os das unhas. Os negros acreditam que os monos são homens estrangeiros que se foram estabelecer no seu paiz, e que não querem fallar para que os não obriguem a trabalhar!

Os zoologos dizem que os orgãos vocaes dos monos grandes são eguaes aos do homem; mas que dois bolsos membranosos, que elles tem aos lados da laringe, se oppõem á articulação das palavras, pela razão de que o ar, saindo da glote no momento da respiração, se engolfa n'estes bolsos, e não produz mais que um som abafado.

Se assim é, devia a sciencia ter já tentado amputar esses bolsos a algum orangotango, bem conformado, por meio de uma operação cirurgica; e depois ver se elle aprendia a fallar como o papagaio.



Orangotango

Vingando a experiencia, seguia-se outra, que era pôr esse mono fallante em convivencia com outros tambem operados, a ver se elle ensinava aos seus similhantes a linguagem que tinha aprendido, ou se elles pelo instincto de imitação, que tem em summo grau, a adquiriam.

A prosodia da lingua macaca havia de ser curiosa. Algum mono de talento faria a grammatica, e outros o diccionario do novo idioma. Seguir-se-hia a publicação de um jornal com seu folhetim de *bugiarias;* um copioso noticiario em que os monos haviam de louvar e requestar as monas; não faltando os indispensaveis necrologios para chorar as mortes macacas.

Estamos no seculo das maravilhas; a sciencia faz milagres, isto é, coisas que parecem milagres; não devemos portanto rir ainda da tentativa de querer a medicina dar falla aos macacos, amputando-lhes os bolsos da laringe que dizem impedir-lhes a articulação das palavras.

ESTATUA DE FRANKLIN

(Vid. pag. 260)

Franklin aproveitou a sua estada em Londres para se relacionar com os sabios de reputação que o conheciam, e cuja estima cresceu quando pessoalmente o trataram.

Por aquelle tempo havia elle apresentado as suas primeiras memorias sobre a electricidade á «sociedade real de Londres», mas esta corporação nem se-

quer as examinou. Suppunham que um americano não podia ensinar nada aos sabios da Europa; e que um homem desconhecido na republica das sciencias, não podia desde o começo dos seus estudos fazer descobrimentos notaveis. Entretanto foi tomando vulto em França, e logo em toda a Europa, o achado de Franklin; desenganou-se então a «sociedade real de Londres», e adoptou para seu socio o sabio typographo, sem que elle o sollicitasse, mostrando assim que sabia fazer justiça ao merito, ainda mesmo que a principio fosse injusta. Alcançado este primeiro triumpho, logo todas as sociedades scientificas o nomearam socio correspondente, e as universidades de Edimburg, Oxford e outras, lhe conferiram o titulo de doutor. Todos os philosophos e litteratos da Alemanha e da França entraram em correspondencia com elle, e o seu nome chegou a ser tão celebre como o de Humboldt nos nossos dias.

Os francezes possuiam então o Canadá, e tinham alli muitos estabelecimentos importantes para a França, e por consequencia nocivos para a Inglaterra. Franklin publicou um escripto em que mostrou as vantagens que resultariam á Grão-Bretanha da conquista do Canadá. Traçou-se immediatamente o plano da expedição, entregue ao commando do general Wolf. É bem conhecido o feliz exito d'esta idéa de Franklin. Pelo tratado de paz de 1762, a França abandonou o Canadá, e pela cessão que fez depois da Luiziania perdeu todas as possessões que tinha no continente da America.

Regressando á patria, Franklin recebeu da assembléa da Pensylvania os maiores testimunhos da gratidão que lhe devia toda a America septentrional, votando-lhe ao mesmo tempo uma remuneração de cinco mil libras esterlinas.

Foi occupar o seu logar na assembléa nacional, porque tinha sido eleito todos os annos durante a sua ausencia, para sustentar os direitos do povo. Desde muito tempo existiam germens de discordia entre os proprietarios e a assembléa popular; os proprietarios queriam conservar os seus privilegios, a assembléa propugnava pelos principios de egualdade e independencia. Franklin distinguiu-se n'esta lucta, que foi renhida; mas a final, em 1764, os partidarios da familia Penn conseguiram fazer-lhe perder a eleição, e por conseguinte a cadeira que occupára na assembléa de Philadelphia por quatorze annos consecutivos. Mas em compensação foi nomeado agente geral da provincia em Inglaterra, para onde partiu logo.

Hoje que a vergonhosa guerra dos Estados Unidos tanto preoccupa a attenção da Europa, é bem cabido referir aqui a maneira por que elles se fizeram independentes da Inglaterra, aconselhados, incitados e dirigidos por Franklin.

Na epocha em que este sabio foi enviado segunda vez a Londres, se os anglo-americanos estavam apostados a sacudir o jugo da Inglaterra, os ministros de Jorge III pareciam peitados para incitar os partidarios da independencia, dando continuamente motivos de queixa aos habitantes das colonias.

O imposto do sêllo, lembrado por alguns americanos descontentes, e levado ao parlamento pelo ministro Grenville, excitou tal fermentação, que Franklin foi chamado á barra da camara para declarar qual era a opinião dos americanos a respeito d'este bill.

O discurso que elle então proferiu anda encorporado na collecção das suas obras, e por elle se vê a profundeza dos seus conhecimentos economicos, a sua sagacidade politica, a solidez do seu juizo, e tambem a facilidade com que se exprimia. Fallou com tanta energia, fez sentir por tal arte os perigos da arrecadação do novo imposto, que venceu o ministerio, e o bill foi rejeitado.

Concluido este negocio, Franklin foi fazer uma viagem a Hollanda e a França, onde lhe fizeram o mais lisonjeiro acolhimento. Pouco se demorou, porque os interesses das colonias que representava o obrigavam a voltar a Londres. A lei do sêllo tinha sido rejeitada, mas o governo augmentou os direitos do papel, dos livros, e sobre tudo os do chá. Os ministros faziam approvar estas leis excepcionaes para as colonias, esperando habituar insensivelmente os inglezes a verem infringir a constituição, e ir a auctoridade do rei ganhando regalias que lhe não competiam.

Os anglo-americanos não hesitaram sobre a resolução que deviam tomar, e foi absterem-se do uso de todos os generos cujos direitos se tinham augmentado. Os ministros, julgando que podiam fazer-lhes quebrar esta resolução, expediram para Boston muitos navios carregados de chá. Mas o povo não deixou desembarcar as caixas, deitou-as ao mar, correu ás armas, revoltou-se, reuniu um congresso deliberativo, publicou uma declaração dos seus direitos, e fez um armamento de voluntarios. D'este modo começaram as hostilidades das colonias inglezas da America contra a metropole. As idéas de liberdade e independencia propagaram-se com rapidez entre todos os anglo-americanos, descendentes, pela maior parte, dos republicanos que, depois de terem pegado em armas contra Carlos I, haviam querido antes deixar a Inglaterra que submetterem-se ao regimen monarchico; seus filhos tinham-lhes herdado as maximas e as opiniões, mas conservavam ainda o amor da sua antiga patria. Se a imprudencia dos ministros não tivesse estimulado os animos, a independencia far-se-hia incruentamente.

(Continúa)

EMBAIXADA DE FREDERICO III, IMPERADOR D'ALLEMANHA, A EL-REI D. AFFONSO V DE PORTUGAL — CONSORCIO D'AQUELLE SOBERANO COM A INFANTA D. LEONOR — FESTEJOS REAES E POPULARES EM CELEBRAÇÃO D'ESTAS NUPCIAS — OS PAÇOS DE S. CHRISTOVÃO — PARTIDA DA IMPERATRIZ PARA A ALLEMANHA.

(Conclusão. Vid. pag. 318)

VII

Estamos chegados á parte mais apparatosa dos festejos d'estas reaes nupcias. Os torneios, que se vão seguir, são os mais esplendidos e magnificos que se tem feito em o nosso paiz, incluindo mesmo os da inauguração da estatua equestre del-rei D. José I.

A *rua Nova*, de que acima fallámos, foi o logar da lice. No lado do *poço da Fotéa*, onde a rua alargava bastante mais, construiu-se um pavilhão para a familia real, a que deram o nome de palacio pelas suas grandes proporções. Tinha pouco fundo, porém a frontaria era muito extensa, rematando em duas altas torres.

Não obstante ser construido de madeira, e coberto de lonas pintadas, encerrava muitas salas e quartos, forrados de ricas tapeçarias, e guarnecidos dos moveis necessarios. Em quanto durassem as justas, o que levaria alguns dias, havia de habitar a familia real n'este palacio improvisado.

No dia 15 veiu el-rei buscar a imperatriz para a conduzir ao palacio que deixâmos referido, onde já ficaram n'essa noite. O monarcha saíu de tarde dos paços da Alcaçova precedido de um luzido acompanhamento, e das armas que deviam servir nos torneios.

Rompia a marcha um joven e formoso pagem, ricamente vestido, e montado em um soberbo cavallo bem ajaezado, e coberto até aos pés com panno de brocado de oiro. Seguia-se um carro triumphal vistosamente ornado, e guarnecido de tropheos e emblemas de guerra. Ia cheio de lanças, escudos, e el-

mos, dispostos com arte e coroados por uma aguia. Vinham após doze esforçados guerreiros, vestidos d'armas reluzentes, e montados em cavallos de batalha. Cavalgava depois o estribeiro-mór na frente de cinco moços, que traziam á dextra outros tantos cavallos carregados de diversas armas, ornatos, vestimentas, e mais utensilios para as justas, corridas de cannas, toiros e caçadas simuladas.

Seguiam-se doze arautos a cavallo, paramentados com as suas cotas, e muitos charameleiros e atabaleiros, vestidos de veludo carmesim agaloados de oiro, e tangendo em seus instrumentos.

A pequena distancia vinha el-rei magnificamente trajado e montado; e logo atraz seis donzeis resplandecentes de oiro e prata dos pés á cabeça, e cavalgando em galhardos frisões, enfeitados com fitas e plumas.

VIII

Ainda o sol não tinha nascido, na madrugada do dia 17 de outubro, quando entraram na rua Nova varias turmas de bailarinos, rompendo ao mesmo tempo das diversas ruas que alli confluiam. De uma parte avançava a turma dos christãos; da outra a dos moiros; d'alli a dos judeus; e d'além a dos pretos, ou ethiopes. E chegando em frente do palacio começaram em suas danças e momos ao som de cantigas e instrumentos musicos.

Pelas 7 horas apresentou-se na liça, com um numeroso sequito, o almirante do reino. Servia então este alto cargo Rodrigo Affonso de Mello, na menoridade de Micer Lançarote, que o tinha por herança.

Pela voz de um arauto convidou o almirante el-rei de Portugal a descer á teia com os seus guerreiros para medirem as armas.

Em quanto echoavam o clangor das trombetas e a voz do arauto, apparecia na arena uma horrenda figura de dragão, de collo alçado, e trazendo em cima de si um nobre cavalleiro, que envergava armadura de fino aço, e desafiava em clamorosos brados a todos os valentes a vir pelejar.

Alguns minutos depois assomavam na liça por lados oppostos duas vistosas quadrilhas de vinte e quatro cavalleiros. Uma era capitaneada por el-rei; a outra pelo infante D. Fernando; e a ambas precediam os arautos e charamelas.

Feitas as ceremonias do estilo, rompeu a lucta, na qual os dois principes mostraram summo esforço e destreza.

Em todos os cinco dias das justas appareceram novas e extravagantes invenções. Uma das que mais divertiu o povo foi a que representou o infante D. Fernando, vindo com os seus aventureiros vestidos de guedelhas de seda, fingindo selvagens, e montados em cavallos todos cobertos de pannos pintados, figurando animaes ferozes. Um imitava o leão, e os outros o bufalo, o veado, o urso, o rhinoceronte, etc. Na riqueza e bom gosto dos trajos quem levou a palma a todos foi o infante D. Henrique com os da sua quadrilha.

Os grados ou premios da victoria foram distribuidos aos vencedores pelas proprias mãos da imperatriz, que presidia aos torneios acompanhada da rainha, das infantas, e dos embaixadores. Consistiam os premios em taças, gomis, e outros vasos de prata doirada, e anneis de oiro com pedras preciosas.

Depois das justas houve corridas de cannas, e de toiros, em que tomaram parte os primeiros fidalgos da corte, ostentando singular luxo no seu vestuario, e nas librés de uma numerosa criadagem.

Os momos e danças populares succediam-se uns aos outros quasi sem intervallo. Todas as classes entraram em competencias a ver qual solemnisaria as reaes bodas com mais apparatosa festa, ou com mais exquisita invenção.

Este certame de esforços e emulações abrangeu até os estrangeiros que assistiam em Lisboa, que eram em avultado numero, principalmente inglezes, escocezes, e flamengos. Entre varios folguedos que estes imaginaram e executaram na rua Nova, foi muito applaudido o de uma caçada simulada, em que figuraram com muita propriedade leões, ursos, e javalis.

Concluidos os festejos que se celebraram na rua Nova, ordenou el-rei que fosse permittido ao povo tomar para si o que lhe agradasse dos brocados, veludos, damascos, sedas e pannos de Arraz, que cobriam as teias da liça, os palanques e amphitheatro regio, e vestiam as paredes das casas em todo o comprimento da rua. Escusado será dizer, que n'um relancear d'olhos desappareceram todas aquellas tapeçarias.

Este acto de liberalidade verdadeiramente real, que se realisou no ultimo dia das festas, ao sol posto, e na presença de toda a corte, foi uma das coisas que mais soprenderam e maravilharam os embaixadores durante a sua estada em Lisboa.

IX

No dia 24 de outubro houve grande banquete no paço. Era o jantar da despedida. Estavam dispostas tres mesas na sala do festim, uma atravessada no fundo do salão, e duas ao comprido, em alguma distancia d'aquella. No logar de honra da primeira, que era no centro, estavam sentados a imperatriz e el-rei, e cobria-os um rico docel de purpura e oiro. Na cabeceira do lado direito achavam-se a infanta D. Catharina, e o infante D. Fernando. Na da esquerda a infanta D. Joanna e os dois embaixadores. Era a primeira vez que a estes se concedia a honra de comerem na mesa real.

Nem a rainha, nem o infante D. Henrique poderam assistir ao jantar por indispostos.

As outras duas mesas eram occupadas, a da direita pelo marquez de Valença, e pelos condes, barões, prelados e mais personagens; e a da esquerda pelas condessas, baronezas, e outras damas da corte.

Segundo observa Valckenstein, as unicas pessoas que beberam vinho na mesa da familia real foram os embaixadores e o infante D. Fernando.

Ao jantar seguiram-se danças e musicas populares no pateo e no largo do paço, pela fórma já descripta. A noite houve regio sarau.

Determinado o dia 25 de outubro para o embarque da imperatriz, foi conduzida esta princeza com extraordinaria pompa, primeiramente á sé, onde ouviu missa, e depois para bordo.

Do paço para a cathedral só as pessoas reaes foram a cavallo. Todo o sequito caminhava a pé. El-rei levava de redea a imperatriz; o infante D. Fernando a rainha; o infante D. Henrique a infanta D. Catharina; e o marquez de Valença a infanta D. Joanna.

Celebrou missa de pontifical o bispo de Ceuta. Houve sermão, que a todos commoveu, e depois a benção solemne.

Concluidas as ceremonias religiosas dispoz-se o prestito para sair da egreja em fórma de procissão.

Como a rainha se sentira incommodada durante a missa, despediu-se da imperatriz á porta do templo. Foi uma scena pathetica, que sensibilisou a todos os circumstantes. Não havia forças que separassem as duas princezas, unidas em estreito e saudosissimo abraço, e banhadas das lagrimas que vertem do coração nas separações que só acabam na vida eterna.

Da sé até ao caes da Ribeira todos foram a pé por entre alas de povo, que mal deixavam o espaço necessario para a passagem do préstito.

Em continuação do caes, que era pequeno e mesquinho, tinha-se construido uma ponte sobre toneis, tapetada de boas alcatifas, com guardas forradas de tapeçarias, e ornada com arcos de murta e flores. Dera-se a esta ponte o comprimento preciso para atracar com ella a embarcação que havia de conduzir a imperatriz para a Allemanha. Por conseguinte a familia real e todo o acompanhamento passaram da ponte para a carraca [1], que se achava armada de riquissimas telas, como o caso o pedia, e toda empavezada de bandeiras, galhardetes e flammulas multicôres.

Como o embarque se effectuou á tardinha, serviu-se logo depois uma lauta ceia, finda a qual saíu el-rei de bordo com as infantas e infantes, e todas as mais pessoas que não faziam parte do sequito de sua augusta irmã.

Na manhã seguinte, porém, começaram a soprar ventos tão contrarios, que por muitos dias obstaram á saída da armada. Durante esse tempo ia todos os dias a bordo a familia real acompanhar e consolar a saudosa imperatriz.

Augmentando os temporaes com a entrada de novembro, possuiram-se todos os animos, tanto na corte como no povo, de serios cuidados e receios pela sorte de D. Leonor.

Amava D. Affonso v esta princeza com tamanho affecto, e sentia-se atormentado de taes cuidados, que convocou á presença de sua irmã, no dia 3 de novembro, os capitães, marinheiros, e homens de armas de todos os navios da esquadra, bem como todas as pessoas que formavam o sequito da imperatriz, e em acto solemne lhes fez prestar juramento sobre os santos Evangelhos, nas mãos do bispo de Coimbra, de que serviriam esta soberana com dedicada lealdade, velando por ella, e se sobreviesse perigo, expondo e sacrificando cada um a propria vida para a salvar.

Feito isto entrou el-rei com os embaixadores para um camarim, e ahi os entreteve largamente com recommendações instantes para que nada faltasse ao conforto, socego, e distracção da illustre viajante. Despedidos os embaixadores, mandou chamar o marquez de Valença, a quem entregou as instrucções escriptas por que se havia de regular na viagem, na entrega da imperatriz, e durante a sua missão junto do imperador Frederico III.

No dia 4 foi D. Leonor com a sua comitiva ouvir missa á ermida do Rastelo em Belem, onde todos se confessaram e commungaram; e n'esse sitio jantaram e passaram o dia, recolhendo-se á tarde para bordo.

No dia 5 levou o capellão d'aquella ermida a bordo da carraca uma reliquia do santo lenho, que a todos deu a beijar. Depois disse missa, benzeu o navio, e lançou benção a todos.

Finalmente, abonançando o mar, e tornando-se propicio o vento, levantou ancoras a armada, e saiu a barra no dia 12 de novembro.

Compunha-se esta armada de duas carracas, seis naus, e duas caravellas; tendo partido adiante duas naus com alguma criadagem e quinhentos e oitenta cavallos e mulas, pertencentes ao estado da imperatriz, e dos principaes fidalgos que a acompanhavam.

Era numerosissima a comitiva de D. Leonor. Além do marquez de Valença, que ia na qualidade de embaixador conductor, e dos criados da casa d'este principe, constava da camareira-mór, a condessa viuva de Villa Real, D. Brites de Menezes, de tres donas, e vinte e quatro donzellas, damas de honor, todas fidalgas; do bispo de Coimbra, D. Luiz Coutinho; do mordomo-mór, Alvaro de Sousa, e outros officiaes móres; de muitos moços fidalgos, escudeiros e pagens; de um medico, e dois capellães; e de avultado numero de famulos de ambos os sexos e de baixa condição. Accrescentando a tudo isto a tropa, que ia como guarda de honra e de segurança, montava a tres mil pessoas o total da comitiva.

Aportando a Ceuta a armada, desembarcou D. Leonor com todo o seu sequito, e foram logo á egreja de Santa Maria d'Africa, onde se cantou um solemne *Te Deum*.

Durante alguns dias, que se demorou n'esta cidade para descançar dos incommodos do mar, foi obsequiada com muitas festas e banquetes por D. Sancho de Noronha, ao diante primeiro conde de Odemira, e que então governava aquella praça.

Proseguindo na sua viagem, foi accommettida a armada de tão rijos e continuados temporaes, que levou dois mezes desde Ceuta até Leorne. Surgiu pois n'este porto no primeiro dia de fevereiro de 1452.

De Leorne foi conduzida a imperatriz a Siena. Vieram recebel-a á porta d'esta cidade em grande ceremonial, e com distinctas honras e magnificencia, o imperador Frederico III, Ladislau, rei de Bohemia e de Hungria, o archiduque Alberto, e outros principes e fidalgos.

Todos estes personagens seguiram caminho para Roma, onde o papa Nicolau v celebrou o consorcio de Frederico III com D. Leonor de Portugal por palavras de presente, e depois a coroação dos augustos conjuges. Realisaram-se estas duas ceremonias com extraordinaria pompa, a primeira no dia 16 de março de 1452, e a segunda aos 19 do mesmo mez e anno.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Dava-se este nome aos navios de maior porte que então havia.

A linguagem que nós fallâmos foi a dos nossos antepassados, e ha de ser a dos nossos vindouros. Aquelles nol-a testaram em vida, e quando ainda eramos no berço; a estes a havemos nós de testar do mesmo modo; é peça capital do morgado humano, de que outros foram, de que nós somos, de que outros hão de ser usufructuarios e administradores.

IRIS CLASSICO.

ENIGMA

